

**POESIA, HISTÓRIA E VIOLÊNCIA EM TEMPOS DE EXCEÇÃO:
A voz encarcerada de Alex Polari**

Karla Cristina Eiterer Santana¹

RESUMO: Partindo de uma reconstrução da memória e da criação poética, apresentarei uma das vozes de grande importância, mas pouco conhecida, a de Alex Polari de Alverga, integrante da luta armada. Seu texto poético apresenta sua biografia, foi preso, torturado, mas sobreviveu a esse momento. Também testemunhou outras situações vividas por seus companheiros, que padeceram da mesma dor. Ele parte da experiência individual - da moral do torturado - para mostrar a opressão e a dor coletiva. Fala em favor de todos os militantes que foram reprimidos e torturados, de todos os agentes contrários aos ditadores. Nos poemas de Alex Polari, uma reflexão profunda sobre esse momento histórico. De alguém que apesar da dor, das marcas- das cicatrizes- foi capaz de suportar e vencer o cárcere, ultrapassando as barreiras dessa experiência terrível que é a tortura.

Palavras-chave: Ditadura; Poesia; Dor; Tortura; Torturador; História.

ABSTRACT: From a memory reconstruction and poetic creation introduce one of those voices of great importance, but little is known of Alex Polari de Alverga, a member of the armed struggle. His poetic text presents a biography. He was arrested, tortured but survived to this moment. Also witnessed other situations experienced by his companions, who suffered the same pain. He starts with the individual experience - the morality of torture - to show the oppression and collective pain. Speaks in favor of all the militants who were repressed and tortured, all agents contrary to dictators.

In the poems of Alex Polari, a deep reflection on this historic moment. Someone who despite the pain, the marks-scars-was able to withstand and overcome the jail surpassing the barriers of this terrible experience is torture.

Keywords: Dictatorship; Poetry; Pain; Torture; Torture; History.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Introdução

A produção poética no período de exceção – período conhecido como Ditadura Militar, no Brasil de 1964 a 1985 – foi um momento em que o caos se instalou, a repressão passou a ser uma lei e, por isso, muitas vozes foram silenciadas. Benjamin diz, em seus escritos sobre a história, que todo documento de cultura é um documento de barbárie. Sendo assim, os documentos podem ser manipulados de acordo com os interesses políticos de quem tem o poder nas mãos. O discurso que prevalecia era o do opressor que impunha à força as suas leis, pois não queria perder a posição adquirida:

“Nunca houve um momento da cultura que não fosse também um momento da barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialismo histórico se desvia dela”. (BENJAMIN, 1987, p.225).

Nesse contexto marcado por conflitos e dores, a arte se manifesta elaborando esteticamente o que antes fora interiorizado:

A obra de arte, ao provocar choques, perturbações, transtornos de percepção, estará evocando o necessário estranhamento que deve reger as condições de percepção da realidade social, uma vez que esta se constitui como antagônica, dotada de impasses não resolvidos que se potenciam constantemente. (ADORNO, 2003, p.5)

Muitas descobertas têm sido feitas a respeito desse doloroso momento. Atualmente, arquivos, tanto históricos como pessoais, sobre esse período têm sido abertos. Muitos que se resguardaram, resolveram publicar seus testemunhos, de modo que a nossa história tem sido revisitada. Muitas dessas imagens têm sido resgatadas, reconstruídas.

Polari é um autor contemporâneo: “é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro.” (AGAMBEN, 2009, p.62). Há em seus poemas uma reflexão profunda sobre esse momento histórico - a ditadura militar. Os poemas trazem os conflitos tortuosos pelos quais ele passou, mostram o horror, chocam, perturbam, angustiam. São denúncias de alguém que, apesar da dor, das marcas - das cicatrizes, foi capaz de suportar e vencer o cárcere, ultrapassando as barreiras dessa experiência terrível que é a tortura.

Os poemas de Polari repercutiram no meio estudantil e no exterior. Houve publicação de suas poesias com tradução sueca pela Anistia Internacional e em revistas de exilados

chilenos impressas em Estocolmo; na França; em coletânea de escritos de presos políticos brasileiros; em Portugal, nos Cadernos do Terceiro Mundo, além de mimeografadas e distribuídas em meios universitários da Itália e da Alemanha.

1. Sobre o autor

Alex Polari de Alverga, nascido em João Pessoa (PB), veio pequeno para o Rio de Janeiro, onde residiu e estudou até a vida adulta.

Na adolescência, envolveu-se nos problemas políticos e sociais do país. Assistiu à tomada do Forte de Copacabana. Teve participação ativa nas lutas estudantis contra o regime militar brasileiro que se instaurou no final dos anos sessenta. Era Membro da organização Vanguarda Popular Revolucionária (VPR).

Foi preso em 1971, com vinte anos, permanecendo até 1980. Caiu durante a repressão. Estava envolvido diretamente no sequestro do embaixador alemão *Holleben* em junho de 1970. O sequestro de diplomatas era uma estratégia utilizada pelas organizações de esquerda durante todo o ano de 1970. Eles objetivavam uma troca por líderes políticos que estavam presos. Isso seria a salvação de muitos companheiros, condenados às torturas e ao cárcere.

Em 1978 publicou o seu primeiro livro de poesia: *Inventário de Cicatrizes*. O livro foi publicado pela Global Editora e patrocinado pelo Teatro Ruth Escobar e o Comitê Brasileiro pela Anistia.

Na quarta edição do livro de outubro de 1979, há fotos de pessoas na capa. E, na contra capa, informações sobre o autor e um aviso em letras grandes e de cor viva dizendo que a venda do livro é em benefício do Comitê Brasileiro pela Anistia.

Polari foi diversas vezes torturado, assistiu a torturas de outras pessoas também, incluindo a de seu amigo *Stuart Angel*, no pátio do centro de informações da Aeronáutica, base aérea do Galeão (RJ), também em maio de 1971. Essa cena motivou a criação do poema: *Canção para “Paulo”* o qual Polari dedica a Stuart, descreve nesse poema a tortura, narrada numa carta que envia para a mãe de *Stuart* a estilista: *Zuzu Angel*. (EM ANEXO)

O poeta presenciou Paulo (codinome usado por Stuart) ser arrastado por um Jipe pelo pátio interno da Aeronáutica, de um extremo ao outro, viu o rosto dele todo machucado, devido a areia e pedra do pátio, teve também a boca presa no cano de descarga do veículo.

Assim o torturador acelerava o jipe e *Stuart* engolia gases tóxicos. Com isso perdeu equilíbrio, teve o seu corpo arrastado e, quando Polari conseguiu falar com *Stuart*, este parecia não saber o que dizia.

O Inventário de Cicatrizes traz reflexões sobre a experiência do poeta encarcerado, fraturado, da sua dor, das torturas que sofreu no seu cotidiano. A cicatriz é a lembrança constante do momento de dor. É olhando para ela, rememorando seu passado, que faz o inventário. Ele construiu uma poesia política, de denúncia social, pautada na ética, engajada. É uma poesia moderna, numa linguagem coloquial e direta. O texto poético carrega a herança da poesia marginal. Utiliza uma linguagem despojada, com pitadas de humor- uma reflexão sobre a dor através do humor- e em alguns poemas utiliza o recurso do sarcasmo (deboche).

Há uma dedicatória feita para os companheiros de prisão e exílio, para aqueles que sofreram com o regime ditatorial violento e aos mortos. Especialmente a: *Stuart Edgard Angel Jones* (assassinado na tortura); *Eduardo Leite* (assassinado na tortura); *Juarez Guimarães de Brito* (por suicídio depois de ferido); *Carlos Lamarca* (fuzilado depois de preso); *Yara Iavelberg* (morta? Assassinada? Suicídio?); ao filho, *Thiago*, à vida.

2. Uma breve análise dos poemas

RECORDAÇÕES DO PARAÍSO

1

“Objetos pequeninos
da cela
corneta que toca
crepúsculo que cala
Objetos pequeninos
da cela
caneta que escreve
coração que arranha
Abjetos sentimentos
na cama
Manta que cobre
medo que desnuda”

2

“Hora do rancho
A bandeja passa
Na grade
o rádio toca no bolso
do sentinela calado
ao lado do fosso
onde devem ficar
os cadáveres”.

4

“Eu não me lembrava
do meu antigo rosto
até olhar na privada e cuspir nele.
Não, não pode ter sido a mesma face,
não me olhe assim, não tenho culpa”.

6

“Sinto que ainda amo alguma coisa
uma propriedade esquisita qualquer
perturba acreditar
alguma coisa justifique
resistir.

Amanhã no interrogatório
Não sei como estará o ânimo
mas talvez me mostrem
um retrato dela”.

9

“É possível que não me matem
hoje cheguei a me convencer disso
afinal, meu sogro é da marinha
tenho apenas vinte anos
e um certo ar sensível
sem os óculos.
Pesquise na comida as minhas chances.
Quando ela melhora não acredito
que eles vão me matar
pelo menos enquanto durar
essas batatas fritas”

10

“Inquérito.
Muito general estrelado
comida de oficial
vista da Praça da República.
Eles encenavam ter pena de mim
e perguntaram minha idade.
Eu disse: 200 anos”.

11

“Algumas marcas desaparecem
Outras ficam por uns tempos
Aquele gosto
Aquele cheiro
Aqueles gritos
Estes permanecem
Calados lá dentro
colados numa memória essencial
sem intervalos possíveis,
vale dizer, definitivos”.

12

Hoje à noite
os gritos foram mais altos.
À minha esquerda
está o Gaúcho
depois o cara que assobia
Angela foi retirada ontem
à minha direita

Stuart já morreu
Ronaldo e Juca
estão mais no fim
e no fundo do corredor
o motorista da CTC
que eles quebraram a mão
chora.

De quem serão os gritos hoje?"

13

“Esse silêncio enlouquece
se houvesse mais alguém
seria mais fácil
Hoje veio o médico
falou com o coronel
que ainda dá prá bater
nas minhas costas”.

14

“A roupa que eu vesti hoje
para cobrir o ponto frio
não era minha e podia ser
a de alguém assassinado
A camisa tinha sangue coagulado,
um cheiro estranho de súplica”.

15

“Andar após as refeições
dá esperanças
olhar para os dizeres das paredes
me angustia:
“Celso” “Injustiça” “Desamor”.
Por coincidência esse cara eu conheci
caiu com uma Kombi
morreu aqui em dezembro de 70
durante o sequestro”.

(POLARI, 1979, p.11-14)

O primeiro poema tem como título Recordações do Paraíso, que já traz uma ironia, o paraíso é um inferno, Polari faz um inventário do que há na cela e no seu coração. E também um bom exemplo da utilização da linguagem coloquial, da linguagem direta. Exala um Nihilismo-negatividade², mostra uma apreensão por estar na prisão, receio da noite, a falta de saída.

O poeta descreve as pequenas coisas que vê. Faz suposições, reflete sobre suas lembranças e pensa sobre o seu amanhã. Em algumas estrofes parece compor um quadro, uma

² Nihilismo: Para Nietzsche havia o nihilismo negativo, passivo e ativo.

No nihilismo negativo, a vida perfeita será no mundo superior. Daqueles que acreditam que a vida perfeita será em outra esfera (vinculado à religião, ao ascetismo). Aqui você não vive, não age como a contingência que a vida exige.

pintura que tem como temática a morte. Relata seus tormentos, medos e os horrores da prisão. Não se reconhece e se autoquestiona. Seu sentimento é difuso entre a vida e a morte.

Na quarta estrofe ele cospe na sua imagem refletida nas águas do vaso sanitário. Recusa-se, não quer ver sua face violada pela dor.

Na décima estrofe ele lê a comida tentando interpretar os futuros acontecimentos. Na décima segunda estrofe lista os colegas militantes e relata a situação em que se encontram. Tenta identificá-los pelo grito, pela dor que a tortura provoca.

Na décima quarta estrofe há uma situação muito angustiante, trazida por uma roupa com manchas de sangue usada por outra pessoa, pois há marcas nessa roupa de um passado, parecendo que foi usada por alguém cujo sofrimento também o levou a morte. E na décima quinta ele relembra a situação de morte de um companheiro através de dizeres, frases que lê nas paredes.

O sofrimento parece algo insuportável: a tortura e o cárcere violam a dignidade humana. O homem parece um bicho enjaulado. A condição indigna, talvez seja intraduzível em palavras. A dor física e moral se misturam, violentando os pensamentos na memória daquele que tem por experiência esse trauma.

IDÍLICA ESTUDANTIL III

“Nossa geração teve pouco tempo
começou pelo fim
mas foi bela a nossa procura
ah! moça, como foi bela a nossa procura
mesmo com tanta ilusão perdida
quebrada,
mesmo com tanto caco de sonho
onde até hoje
a gente se corta”.
(POLARI, 1979, p.18)

Nesse poema há uma reflexão sobre a geração do poeta. Os jovens afobados que foram para ruas e lutaram contra a ditadura militar pela liberdade. Arriscaram-se sonhando com um país livre, com homens livres e com a igualdade de direitos. Esses jovens desejavam uma transformação social. Os versos falam da desilusão trazida por essa procura, da expectativa quebrada e das consequências que até hoje são como cacos que podem cortar.

Há traumas, lembranças coladas na memória e descobertas de histórias pessoais que ainda podem cortar como cacos.

DIA DA PARTIDA

“Aí eu virei para mamãe
naquele fatídico outubro de 1969
e com dezenove anos na cara
uma mala e um 38 no sovaco,
disse: Velha,
a barra pesou, saiba que te gosto
mas que estás por fora
da situação. Não estou mais nessa
de passeata, grupo de estudo e panfletinho
tô assaltando banco, sacumé?
Esses trecos da pesada
que sai nos jornais todos os dias.
Caiu um cara e a polícia pode bater aí
qualquer hora, até qualquer dia,
dê um beijo no velho
diz pra ele que pode ficar tranquilo
eu me cuido
e cuide bem da Rosa”.

“Depois houve os desmaios
as lamentações de praxe
a fiz cheirar amoníaco
com o olho grudado no relógio
dei a última mijada
e saí pelo calçadão do Leme afora
com uma zoeira desgraçada na cabeça
e a alma cheia de predisposições heróicas.
Tava entardecendo”.
(POLARI, 1979, p.16)

Esse poema marca um momento importante dentro das decisões políticas tomadas pelo poeta, como um militante. Ele deixa claro que está aderindo à luta armada, que sua atuação será mais intensa do que antes, deixando de lado pequenas manifestações como “passeatas, grupos de estudo e panfletinho”. Parte da ideologia para ação. Tem predisposições heroicas.

Já que um de seus companheiros fora preso, pode agora ser procurado pela polícia. Decide, então, partir esclarecendo que a situação agora é tensa.

Mostra o sofrimento da mãe em relação à partida do filho. Em relação à linguagem, utiliza uma forma coloquial bem próxima da fala, contendo abreviações como “sacumé” “tô”. Utiliza termos como: “caiu”, que ratifica a sua participação em atos subversivos.

ZOOLÓGICO HUMANO

“O que somos
é algo distante
do que fomos”

“ou pensamos ser.
Veja o mundo:
ele se move
sem nossa interferência
veja a vida:
ela prossegue
sem nossa licença
veja sua amiga:
ela se comove
por outros corpos
que não o seu”.

“Somos simplesmente
o que é mais fácil ser:
lembrança
sentimento fóssil
referência ética
apenas um belo ornamento
para a consciência dos outros.

A quem interessar possa:
Estamos abertos à visita pública
sábados e domingos
das 8 às 17 horas.
Favor não jogar amendoim”.
(POLARI, 1979, p.41)

Esse poema relata a condição a que o ser humano foi reduzido: sua solidão, sua tensão, sua inquietude constante. O poeta faz o uso dos verbos “somos” - no presente - e “fomos”- no passado - mostrando uma mudança provocada pelo tempo, pois ele (o tempo) se move sem a nossa permissão. Retrata o sentimento como fóssil, resto. O poeta que antes fora um herói, agora era apenas lembrança. Sente-se angustiado, frustrado por sua situação de cárcere. Essa condição carcerária deixa fraturas na dignidade humana. Vive da lembrança, do seu passado. Agora é um animal enjaulado num zoológico que pode ser visitado, caso alguém ainda se interesse. A inconstância e a ansiedade pelo amanhã o assolam. Pensa sobre a importância que ele ainda pode ter para alguém. E mostra que mesmo atrás das grades ainda está vivo.

TRILOGIA MACABRA (I - O TORTURADOR)

“O torturador
Difere dos outros
Por uma patologia singular
ser imprevisível
vai da infantilidade total
à frieza absoluta”.

“Como vivem recebendo
Elogios e medalhas
Como vivem subindo de posto,
Pouco importam pelos outros.
Obter confissões é uma arte
O que vale são os altos propósitos
O fim se justifica,
Mesmo pelos meios mais impróprios”.

“Além de tudo o torturador,
Agente impessoal que cumpre ordens superiores
No cumprimento de suas funções inferiores,
Não está impedido de ser um pai extremo
De ter certos rasgos
E em alguns momentos ser até generoso”.

“Além disso acredita que é macho, nacionalista,
Que a tortura e a violência
São recursos necessários
Para a preservação de certos valores
E se no fundo ele é mercenário
Sabe disfarçar bem isso
Quando ladra”.

“Não se suja de sangue
Não macera nem marca,
(a não ser em casos excepcionais)
o corpo de suas vítimas,
trabalha em ambientes assépticos
com distanciamento crítico
- não é um açougueiro, é um técnico -
sendo fácil racionalizar
que apenas põe a serviço da pátria
da civilização e da família
uma sofisticada tecnologia da dor
que teria de qualquer maneira
de ser utilizada contra alguém
para o bem de todos”.
(POLARI, 1979, p.29)

A trilogia citada é uma poesia incendiada de ódio. O poeta relata sobre as cenas de tortura, o torturador e o torturado. O poema fala da prisão e da morte.

Na trilogia I o poeta desenha um retrato psicológico do torturador, toca no opressor, enfatizando sua patologia.

O torturador acredita que está acima do bem e do mau. É um sádico, abusa do poder que tem em mãos. Sente um prazer incrível na tortura, tanto física quanto psíquica. É um ser imprevisível, um artista, um profissional que possui a arte de obter confissões.

Na terceira estrofe, o autor utiliza o recurso do jogo de palavras (antítese) como, por exemplo: superiores/inferiores. Utiliza o recurso da ironia ao fazer uso do adjetivo “generoso” para referir-se ao torturador.

Na quarta estrofe há presença de um pensamento de estado patriarcal. O torturador é macho. A violência é um recurso necessário. Mostra como o soldado é uma figura perigosa, ladra, é um chacal, um animal, pois não tendo ninguém abaixo dele desconta tudo no prisioneiro.

No período da ditadura a violência é apresentada através do discurso que a coloca como um valor social aceitável e necessário.

E na quinta estrofe o torturador é aquele que está prestando um serviço à sociedade. Faz o serviço sujo, mas é legitimado, pois está a serviço do bem geral. E para isso desmoraliza, desumaniza o torturado, quer que este não se sinta humano, valendo-se de tudo e de qualquer recurso.

TRILOGIA MACABRA (II - O ANALISTA DE INFORMAÇÕES)

“Eles se acham muito humanos
Quando param de rodar a manivela
Começam a fazer só perguntas
E agindo assim nos nivelam
À categoria e aos direitos
Dos demais seres humanos”.

“O analista é geralmente um senhor muito fino
Que vela pelo seu prestígio
Que fuma cigarros cem milímetros
Que se veste à paisana
Que usa belas gravatas coloridas
Parecendo mais um executivo bem sucedido
Do que um assassino”.

“Eles não torturam pessoalmente
Apenas dirigem os interrogatórios
E têm muito orgulho disso

não são o céu nem o inferno,
são o purgatório”.
(POLARI, 1979, p.30)

Há, na Trilogia Macabra II, uma reflexão sobre aquele que é responsável por extrair as informações. Apresenta uma descrição irônica do analista. Como se o opressor fizesse o que não queria fazer. O analista é um dissimulado. Essa segunda trilogia mostra a destruição do sujeito submetido aos quereres do analista, os excessos cometidos por esse sádico que expressa sua violência no outro. Que manifesta o mal absoluto.

Descreve o torturador, particulariza-o socialmente por uma patologia singular. O torturador considera a violência como recurso necessário à preservação dos valores morais. Trabalha preservando um distanciamento crítico. É um técnico na sua profissão, possui as táticas necessárias, a tecnologia para fazer com que o outro, sinta dor. Apenas põe-se a serviço da pátria, da civilização e da família. Um ser frio que é indiferente à dor alheia. Que não é nem o céu nem o inferno é o purgatório.

TRILOGIA MACABRA (III - A PARAFERNÁLIA DA TORTURA)

“Nos instrumentos de tortura ainda subsistem, é verdade,
Alguns resquícios medievais
Como cavaletes, palmatórias, chicotes
Que o moderno design
Não conseguiu ainda amenizar
Assim como a prepotência, chacotas
Cacoetes e sorrisos
Que também não mudaram muito.
Mas o restante é funcional
Polido metálico
Quase austero
Algo moderno
Com linhas arrojadas
Digno de figurar
Em um museu do futuro”.

“Portanto,
Para o pesar dos velhos carrascos nostálgicos,
Não é necessário mais rodas, trações,
Fogo lento, azeite fervendo
E outras coisas
Mais nojentas e chocantes”.

“Hoje faz-se sofrer a velha dor de sempre
Hoje faz-se morrer a velha morte de sempre
Com muito maior urbanidade,
Sem precisar corar as pessoas bem educadas,

Sem proporcionar crises históricas
Nas damas da alta sociedade
Sem arrefecer os instintos
Desta baixa saciedade”.
(POLARI, 1979, p.31)

Há nesse poema uma descrição da barbaridade do horror. Não importa até onde o torturado pode aguentar. Os instrumentos de tortura, apesar de alguns resquícios medievais, são aprimorados.

Os torturadores são seres prepotentes, fazem chacotas com os torturados quando vão utilizar seus instrumentos maravilhosos de tortura. Equipamentos que serão dignos de serem expostos em museus no futuro. E independentemente de quão moderno sejam, provocam a dor e a morte de sempre.

A parafernália é operada de acordo com a necessidade visada pelo analista sem escrúpulos.

SEMÂNTICA EXISTENCIAL

“Debaixo da janela de minha cela
desfilam a 1ª Companhia, a 2ª Companhia,
a 3ª Companhia e as demais companhias
que não solucionam minha solidão”.
(POLARI, 1979, p.15)

Nesse poema há um relato sobre a solidão do encarcerado que avista de sua cela o desfile das companhias. Está rodeado de inimigos e não vê uma solução para o seu problema.

FOICES

“E fosse o vento
como rajada
fio de foice
rente ao horizonte
cortando espigas e auroras.
E fosse fosco
o vidro que nos separasse
da paisagem
assim semeador
vulto impreciso pelas grades
colher o que?
que fímbria de esperança
que migalhas de posteridade
disputar com os ratos?”
(POLARI, 1979, p.28)

Os versos acima são crus e irônicos. O poema relata sobre a situação de cárcere, sobre a tristeza do encarcerado, fraturado. O poeta fala de seu sentimento, de um devaneio que o vento se transformasse em foice para realizar o seu desejo de estar junto à paisagem, que pertence ao lado de fora, ao horizonte, à liberdade. Mostra o quanto é pessimista o futuro de quem está na prisão. Lá não haverá colheitas, não há esperança, nem ao menos migalhas de uma posteridade.

AMAR EM APARELHOS

“Era uma coisa louca
trepar naquele quarto
com a cama suspensa
por quatro latas
com o fino lençol
todo ele impresso
pelo valor de teu corpo
e a tinta do mimeógrafo”.

“Era uma loucura
se despir da coberta
ainda escuro
fazer o café
e a descoberta
de te amar
apesar dos pernilongos
e a consciência
de que a mentira
tem pernas curtas”.

“Não era fácil
fazer o amor
entre tantas metralhadoras
panfletos, bombas
apreensões fatais
e os cinzeiros abarrotados
eternamente com o teu Continental,
preferência nacional”.

“Era tão irracional
gerner de prazer
nas vésperas de nossos crimes
contra a segurança nacional
era duro rimar orgasmo
com guerrilha
e esperar um tiro
na próxima esquina”.

“Era difícil

jurar amor eterno
 estando com a cabeça
 à prêmio
 pois a vida podia terminar
 antes do amor”.
 (POLARI, 1979, p.17)

Não era fácil ter um encontro amoroso nessa situação de crise, de luta, de morte e de inconstância. O amor precisava ser rápido, pois a vida poderia ser abreviada, antes do amor. Ele não poderia esperar pelo amanhã, as descobertas deveriam ser feitas às pressas. Ainda que, com apreensões por barulhos de metralhadoras e bombas, seria preciso ter o prazer e deixar acontecer o amor. Mesmo pensando nos crimes que iria cometer, mesmo podendo levar um tiro, e tendo a cabeça a prêmio, mesmo que a vida terminasse antes do amor. Era difícil fazer amor, mas fazia ainda assim: amor.

NOITES NO PP (Presídio H. Gomes)

“Estou aqui, pessoal, na C-8
 nossa cela de passagem
 nesse famigerado
 Presídio Hélio Gomes
 ex-PP,
 Presídio Policial,
 rodeado de faqueiros
 bichas, fanchones
 guardas e faxinas.
 No alto de minha beliche de pedra
 leio o semanário Opinião,
 autores latino-americanos
 e vez ou outra espio a TV.
 Porto apenas uma cueca Zorba
 fumo incontáveis cigarros
 Hollywood
 bebo infindáveis canecas
 de café Pelé
 e em vez de grilhetas,
 calço as legítimas sandálias
 Havaianas.
 Discuto a formação do Partido
 os males da monogamia
 relembro tiroteios e trepadas
 e breve, após o confere,
 ainda com as feridas da última visita
 na capela,
 sonharei com os anjos
 pendurados em paus-de-arara
 celestes”.

(POLARI, 1979, p.24)

Nesse poema ele relata sobre as noites no Presídio Hélio Gomes. Descreve o que o cerca e narra que lê o Semanário Opinião, autores latino-americanos e às vezes assiste à televisão.

Declara que, naquele momento, veste apenas uma cueca, que fuma (*Hollywood*) e bebe café preto (Pelé), que usa legítimas sandálias Havaianas. Traz de volta as lembranças que sua memória permite: como tiroteios e breves relacionamentos amorosos. Termina o poema com uma cicatriz da sua memória, dizendo que sonhará com anjos pendurados em paus-de-arara celestes.

CANÇÃO PARA "PAULO" (À Stuart Angel)

“Eles costuraram tua boca
com o silêncio
e trespassaram teu corpo
com uma corrente.

Eles te arrastaram em um carro
e te encheram de gases,
eles cobriram teus gritos
com chacotas”.

“Um vento gelado soprava lá fora
e os gemidos tinham a cadência
dos passos dos sentinelas no pátio.
Nele, os sentimentos não tinham eco
nele, as baionetas eram de aço
nele, os sentimentos e as baionetas
se calaram”.

“Um sentido totalmente diferente de existir
se descobre ali,
naquela sala.

Um sentido totalmente diferente de morrer
se morre ali,
naquela vala”.

“Eles queimaram nossa carne com os fios
e ligaram nosso destino à mesma eletricidade.
Igualmente vimos nossos rostos invertidos
e eu testemunhei quando levaram teu corpo
envolto em um tapete”.

“Então houve o percurso sem volta
houve a chuva que não molhou
a noite que não era escura
o tempo que não era tempo

o amor que não era mais amor
a coisa que não era mais coisa nenhuma”.

“Entregue a perplexidades como estas,
meus cabelos foram se embranquecendo
e os dias foram se passando”.

(POLARI, 1979, p.36)

Em muitos casos de prisões nesse período da ditadura, os familiares não tiveram o direito de velar o corpo de seu ente querido, pois não conseguiam mais obter notícias deles, quando os militares os tinham em seu poder. Muitas vezes, a prisão era negada, não havia registros, apagavam tudo que pudesse comprometer suas ações perversas.

Algumas mães velavam caixões vazios. Ver o caixão vazio e não ver o corpo é bem diferente. O luto não se completa. Pensa-se: morreu de fato?! O vazio é pior do que não ver o corpo, pois o tormento das suposições rodeia o pensamento. Isso foi o que aconteceu com a mãe de *Stuart Angel*, por não poder velar o corpo de seu filho.

O poema narra a tortura que sofreu Stuart, acusado de ser um subversivo. Era um militante político da luta armada, que lutava contra a opressão ao lado de Polari. Infelizmente, o poeta presenciou a tortura do companheiro e, como forma de homenagem, escreveu esse poema.

Era comum os presos passarem por várias prisões - unidades militares- como foi o caso de Polari. O poeta, como artista, conseguiu elaborar a dor na sua poesia, tanto a sua, como a de outros sujeitos.

Conclusão

A Ditadura Militar impôs a repressão a todas as formas de resistências, causando muitas mortes. Abreviando o sonho de muitos jovens. Histórias que talvez nem possamos imaginar. É preciso manter firme o compromisso de investigar, perder a ingenuidade para notar que muitos desses torturadores estão entre nós, impunes.

O artista tem a sensibilidade para registrar em sua arte: a história. Assim como fez Alex Polari no seu texto poético. Diante do horror, da dor e da tortura ele compõe uma poesia de resistência. Há nos seus poemas o testemunho, algo de extrema importância que preenche as lacunas as quais a história ainda não pôde completar por si só. Há nessa poesia, apenas uma

parte, mas que é um testemunho vivo, das violências que foram submetidas, grande parte da nossa população, quando esta resolveu não aceitar a imposição feita pelos militares. Essa luta armada custou vidas e deixou muitas cicatrizes.

O sujeito que passou por esse trauma tem que lidar com isso ainda que preferisse não o fazer. Portanto, mesmo que o ônus dessa lembrança seja pesado demais, é preciso lembrar esse passado doloroso, registrar essa experiência traumática, inimaginável que não deve e não pode ser esquecida.

É preciso lutar contra o apagamento dessas memórias, mesmo que isso implique a reabertura de feridas. Só assim, poderemos colher informações e descobrir quem são as verdadeiras pessoas que estão por trás disso tudo. Inventariar: fazer uma lista. Fazer dessas cicatrizes uma bandeira, lembrança de um acontecimento que não pode se repetir, jamais.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. Tradução: Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução: Vinicius Nicastro. Chapecó: Argos, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: editora brasiliense, 1987.

BIROLI, F. Representação do golpe de 1964 e da ditadura na mídia: sentidos e silenciamentos na atribuição de papéis à imprensa, 1984-2004. *Varia História*. Belo Horizonte, v. 25, n. 41, p. 269-291, jan/jun, 2009.

GINZBURG, J. Theodor Adorno e a poesia em tempos sombrios. *Alea: Estudos Neolatinos*. Rio de Janeiro, v.5, n.1. Jan/Jul. 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2003000100005>. Acesso: 13 ago. 2013.

HABERT, Nadine. *A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira*. São Paulo: Ática, 1992.

POLARI, Alex. *Inventário de cicatrizes*. 4. ed. São Paulo: Global Editora, 1979.

SALGUEIRO, W. Tortura sob deboche: uma questão de riso ou morte (Análise de “Trilogia Macabra”, de Alex Polari). In: *Anais do Congresso Internacional da ABRALIC*, 12, 2011, Curitiba. Disponível em: <http://www.comunistas.spruz.com>. Acesso: 11 ago. 2013.

_____. Fratura, resistência, paródia: história e estética em três poetas no Brasil ditatorial (Ana C., Polari, Leminski). *Literatura e autoritarismo*. n. 6. jul/dez, 2005. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num6/ass03/pag01.html>. Acesso: 11 ago. 2013.

VIANNA, C. C. M. As impurezas da ditadura militar. *Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas*. Porto Alegre, v. 01. n. 01. jul/dez. 2005.

VIEIRA, B. M. *A palavra perplexa: experiência histórica e poesia no Brasil nos anos 70*. 2007. 379 f. Tese (Doutorado) Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007. p. 289-384.

Anexo

ANEXO: Transcrição da carta de Alex Polari entregue a seu advogado, Lino Machado, conforme reproduzida em FERNANDES, Fernando Augusto. *A Voz humana, a defesa perante os tribunais da república*. Rio de Janeiro: Revan, 2004, p.235-237.¹

“Eu, Alex Polari de Alverga, *Rafael*, militante da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), preso dia 12 de maio de 1971, atesto de próprio punho que sou testemunha da morte do companheiro Stuart Angel Jones, do movimento MR-8. Ele foi assassinado em consequência das torturas infringidas no Cisa do Galeão, Centro de Informações Secretas, da forma que passo a relatar:

O companheiro Stuart caiu no dia 14 de maio, sexta-feira, às 8h50m da manhã, ao passar numa região que teríamos um *ponto* duas horas depois, na esquina das ruas Torres Homem e Duque de Caxias, no Grajaú.

Por coincidência, o companheiro passou perto desse local, num horário que não era o do *ponto* e *caiu*. Entrou na rua com um Volkswagen verde, provavelmente do ano 67, Sedan 1300, me viu parado, quando, após estacionar o carro próximo ao lugar em que me encontrava, se dirigiu a mim, e foi preso. Estava armado com uma pistola Walter PPK 7.65 e uma granada de mão, mas não esboçou reação. Vestia uma calça de cor verde-garrafa, camisa branca e casaco de veludo marrom. Assim que foi preso os agentes retiraram-lhe as armas, o casaco e uma caneta como *vale*, segundo disse um outro que dirigia o carro em que foi levado. Este era alto, muito forte e de cor preta. O companheiro Stuart foi colocado na mala de um Opala com teto de vinil preto e cor amarelada, seguindo para o Cisa, enquanto fui cobrir vários *pontos frios*, só voltando ao Cisa à tarde. Durante a tarde o companheiro Stuart foi incessantemente torturado na sala especial destinada para estes fins. Deixei de ser torturado para sair de novo, cobrir novos *pontos frios*, só voltando no final da tarde, já escurecendo.

Fui retirado da cela para a sala de tortura, onde fui torturado praticamente ao lado do companheiro Stuart e acareado com ele por causa de duas metralhadoras que o companheiro tinha dito que seriam passadas por mim naquele dia. As condições do companheiro eram

¹ Segundo Fernandes, Heleno Fragoso foi procurado por Zuzu Angel, que recebera uma carta anônima informando que seu filho, Stuart Angel, estava preso na Base Aérea do Galeão. Preparava-se para impetrar “*habeas-corporis* de localização” quando Zuzu aparece com a cópia de um mandado de citação para Stuart, deixado em sua casa por um oficial de justiça da 1ª Auditoria da Aeronáutica, onde estaria respondendo a um processo. Heleno dirige petição ao auditor, informando que Stuart estava preso, requerendo que oficiasse ao Comando da 3ª Zona Aérea, ao I Exército e ao I Distrito Naval, solicitando informações. Segundo as respostas, ninguém se encontrava preso. Então, Lino Machado descobre que seu cliente, Alex Polari de Alverga, também se encontrava preso na Base Aérea do Galeão. Foi ao seu encontro, mas não permitiram o acesso ao preso, sob a alegação de que estava incomunicável. Após impetrar *habeas-corporis* perante o Superior Tribunal Militar, pôde encontrar-se com Alex, que lhe passou uma carta denunciando o assassinato de Stuart Angel. A pedido de Zuzu Angel, Heleno Fragoso passou a defender o jovem, com ajuda de sua equipe, seu filho Fernando e Nilo Batista. Até 1972, quando Zuzu pediu que a defesa fosse interrompida.

precárias, assim como as minhas. Fui arrastado pelos braços para cima, pois não podia andar sozinho. Ao chegar na cela, no 2º andar, ouvi gritos terríveis no pátio, que pareciam com os do companheiro Stuart. Fazendo um esforço quase impossível devido às minhas condições, subi no vaso sanitário e pude presenciar uma das formas de tortura mais bárbaras que jamais presenciei: o companheiro Stuart estava sendo arrastado de um extremo ao outro do pátio de areia e pedra, todo esfolado, tendo chegado às vezes a ficar com o rosto grudado ao cano de descarga de um automóvel, enquanto um torturador acelerava, obrigando-o com isso a engolir grande quantidade de gases tóxicos de monóxido de carbono.

Isso foi rápido, pois não podia me equilibrar, porém depois pude ouvir nitidamente as aceleradas, os gritos, as arrancadas do carro, o barulho de um corpo arrastado, os acessos de tosse e todos os demais detalhes desse ritual sádico de morte, que refletem bem os métodos de interrogatório e assassinato que estão sendo usados por nossa polícia e Forças Armadas, os guardiões da ‘ordem’. Os gritos e os espasmos do companheiro Stuart continuaram até mais ou menos as 20h, quando se fez silêncio. Algum tempo depois, houve um grande barulho no corredor, e colocaram uma pessoa na cela contígua à minha. Alguns torturadores vieram falar comigo na minha cela, que eu ‘ia descer de novo para a sala’ se eu não falasse onde estavam as metralhadoras a que ‘Paulo (codinome usado por Stuart) tinha se referido’. Já mais tarde da noite ouvi de novo as vozes [sic] do companheiro Stuart, entrecortadas de violentos espasmos de tosse, gritar: ‘Estou ficando louco, vou morrer’, repetidas vezes. Tentei me comunicar com o companheiro, trocamos algumas palavras, mas ele já dizia coisas desconexas.

Quando o companheiro tossia, ouvi barulho de muita gente no corredor e abriram a cela dele e alguém disse:

‘Vai morrer nada, *Paulo*, vou te dar uma injeção e você vai melhorar.’ Já de madrugada.

Os responsáveis diretos são o brigadeiro Burnier, ex-comandante da 2ª Zona Aérea, que ia ao Cisa ver a marcha dos acontecimentos, o brigadeiro Dellamora, chefe do Cisa e torturador pessoal, o coronel Alcântara, capitão Lúcio Barroso, da Aeronáutica, e o capitão João Alfredo Poeck, do Cenimar. Estes últimos praticaram pessoalmente tortura em mim e no companheiro Stuart, tendo comandado nosso interrogatório. São esses os assassinos do companheiro Stuart. Um dia, mesmo se não tomarem nenhuma providência, todas as mortes de nossos companheiros serão esclarecidas e a justiça do povo se fará.

Ousar lutar, ousar vencer.

Alex Polari de Alverga”²

² Diz Fernandes que o original desta carta, gentilmente cedida, encontra-se com o advogado Nélio Machado, constando uma cópia no processo de indenização de Zuzu Angel, que tramitou no Ministério da Justiça.